Seminários Essenciais
Velho Testamento*
Aula 22: Ezequiel

*Este material foi traduzido pela Igreja Batista Calvário em Pinhais

---

APRESENTANDO EZEQUIEL

Algumas semanas atrás, ouvimos Isaías alertar o rei Ezequias de Judá sobre o exército assírio, enquanto assegurava-lhe o cuidado de Deus. Na semana passada, vimos o profeta Jeremias, que viveu um século depois de Isaías, exortar Judá e Jerusalém a seguir a instrução do Senhor e render-se ao exército babilônico. Esta manhã, falaremos do profeta Ezequiel que viveu na mesma época que Jeremias, mas cujo ministério se estabeleceu no exílio na Babilônia. Vamos começar com um rápido resumo biográfico de Ezequiel e uma visão geral da estrutura do livro.

Os babilônios levaram os israelitas para o exílio na Babilônia em várias ondas, e Ezequiel estava entre as primeiras ondas. Ele provavelmente viajou para a Babilônia em 597 a.C., junto com a família real e outros cidadãos importantes de Jerusalém. Lembre-se, nessa época, Jerusalém não tinha sido totalmente destruída ainda, isso só ocorria uma década depois. Ezequiel tinha recebido treinamento para ser sacerdote em Jerusalém e, portanto, conhecia bem a vida religiosa de seu povo. Talvez ele até tenha ouvido Jeremias pregar em Jerusalém antes de ser levado embora. Mas, uma vez exilado para longe do templo, provavelmente parecia que ele não teria mais futuro em servir ao povo de Deus como sacerdote. Afinal, o trabalho de um sacerdote estava ligado ao templo. E isso gera uma questão importante: Deus ainda estaria com seu povo no exílio? Foi para responder a esta pergunta que Deus preparou esse jovem sacerdote.

Este livro era considerado tão estranho que os rabinos judeus, muitas vezes, não permitiam que os homens o lessem até os trinta anos de idade. Contudo, na verdade, ele não é tão difícil assim de entender. Gostaria de dar uma rápida visão geral dele antes de mergulharmos. A estrutura de Ezequiel é ainda mais clara do que a de Isaías ou Jeremias. Ele se divide em duas metades. Nos primeiros vinte e quatro capítulos, o SENHOR diz ao seu povo que os babilônios vão destruir Jerusalém. O clímax ocorre no capítulo 24, quando chega a Ezequiel a notícia de que o cerco começou. Já os capítulos 25 a 48 se voltam para esperança. Eles começam com as condenações das nações vizinhas, especificamente Amom, Moabe, Edom, Filístia, Tiro e Egito. Então, em 33.21, chega a notícia de que Jerusalém caiu. A partir desse ponto, Ezequiel profetiza sobre esperança e restauração para o povo de Deus. Grande parte do livro está em ordem cronológica, e as profecias de Ezequiel se estendem por um período de duas décadas – mais ou menos de 593 a 571 a.C.

Além dessa cronologia, Deus dá a Ezequiel três sequências de visões e, se você as entender, entenderá o livro. A primeira sequência ocorre nos capítulos 1-3, onde Ezequiel, estando na Babilônia, vê Deus vindo até ele em uma visão. A segunda sequência ocorre nos capítulos 8-11. Ela é um *flashback*, por assim dizer, no qual Deus mostra a Ezequiel como sua presença deixou Jerusalém por causa da adoração idólatra praticada no templo. O livro conclui com uma longa sequência de visões nos capítulos 40-48, quando Deus retorna ao seu povo em um templo reconstruído.

Em poucas palavras, esse é Ezequiel. Pelo resto do nosso tempo, quero que sigamos as três sequências de visões que o Senhor deu a Ezequiel. Podemos resumir essas três sequências de visões como: Uma Visão de Deus, o Rei; Uma Visão da Partida de Deus; Uma Visão da Vinda de Deus e a Promessa do Paraíso.

UMA VISÃO DE DEUS, O REI

Primeiro, uma visão de Deus, o Rei. Você já viu uma criança fazer algo errado e depois ser colocada um "tempo" no cantinho da disciplina? O exílio babilônico foi, para o povo de Deus, como um tempo no cantinho da disciplina. Ele os colocou para passar um tempo fora da terra prometida, longe do trono e do templo, isto é, longe de tudo o que eles começaram a ver de forma errada e até a idolatrar. A Terra Prometida, a linhagem davídica dos reis e o templo (que simbolizava a presença de Deus) foram todos presentes bons dados por Deus. Mas o povo os usou de forma errada. Esses presentes se tornaram muito importantes. Por isso, Deus os levou embora para a Babilônia. Ele os colocou no canto por setenta anos para que pudessem reajustar o foco deles, pondo-o naquilo que era importante e no porquê era importante.

Vamos nos colocar um pouco nesse cenário: ***O que você acha que se passava pela cabeça do povo de Deus quando estavam lá no exílio?***

A surpreendente verdade de Ezequiel é que Deus, na verdade, foi com seu povo para o exílio. E é assim que a visão de Ezequiel começa: com Deus visitando seu povo mesmo eles estando longe do templo, da linhagem de Davi ou da terra de Israel.

Deus aparece a Ezequiel em uma extraordinária visão de abertura, que começa com as seguintes palavras: "No trigésimo ano, no quinto dia do quarto mês, estando eu no meio dos exilados, junto ao rio Quebar, os céus se abriram e eu tive visões de Deus." (1.1).

A própria visão começa com um vento forte:

> Olhei, e eis que do Norte vinha um vento tempestuoso e uma grande nuvem envolta em fogo e rodeada de resplendor. E no meio disso havia uma coisa como metal brilhante, que saía do meio do fogo. Do meio disso saía algo semelhante a quatro seres viventes, cuja aparência era esta: tinham a semelhança de ser humano. Cada um tinha quatro rostos e quatro asas. (1.4-6).

À medida que a visão continua, vemos algumas criaturas muito bizarras ao redor do trono de Deus:

> Quando eu estava olhando para os seres viventes, eis que havia uma roda no chão, ao lado de cada um deles. O aspecto das rodas e a sua estrutura eram brilhantes como o berilo. As quatro tinham a mesma aparência, cujo aspecto e estrutura eram como se uma roda estivesse dentro da outra. Quando elas andavam, podiam ir em quatro direções e não se viravam quando se moviam. Os aros dessas rodas eram altos e metiam medo; e, nas quatro rodas, os aros estavam cheios de olhos ao redor. Quando os seres viventes se moviam, as rodas se moviam ao lado deles; quando eles se elevavam do chão, também as rodas se elevavam. (1.15-19).

Após uma descrição mais detalhada dessas criaturas, uma voz soa do alto. Então, o próprio trono aparece:

> Veio uma voz de cima do firmamento que estava sobre a cabeça deles. Quando eles paravam, abaixavam as asas. Por cima do firmamento que estava sobre a cabeça dos seres viventes, havia algo semelhante a um trono, como uma safira; e, sobre essa espécie de trono, estava sentada uma figura semelhante a um ser humano. Vi que essa figura era como metal brilhante, como um fogo ao redor

> dela, desde a sua cintura e daí para cima; e desde a sua cintura e daí para baixo, vi que essa figura era como fogo e havia um resplendor ao redor dela. Como o aspecto do arco que aparece nas nuvens em dia de chuva, assim era o resplendor ao redor… (1.25-28).

Vamos tirar dessa visão cinco observações sobre Deus.

Deus não é como nós

Muitas pessoas tentaram desenhar – literalmente ilustrar – como essa visão deve ter sido para Ezequiel. No entanto, provavelmente isso é uma tarefa impossível. E essa é a questão. O que Ezequiel pôde *ver* nessa visão foi que Deus não é como nós. Ele é singular, outro e diferente de nós. Muitas vezes, imaginamos que Deus é como nós, mas a visão de Ezequiel nos permite *ver* como Deus é um ser totalmente diferente de nós. Não podemos simplesmente acomodá-lo à nossa própria imagem. Ele é único.

Ezequiel não hesitou em descrever tudo o que viu, porém, observe com que frequência ele usou as expressões "semelhante a" e "como se fosse". Era "algo semelhante a um trono, como uma safira", e abaixo da cintura aparente da figura "era como fogo".

A Bíblia chama Deus de "santo". E não é que ele simplesmente possui santidade; ele *é* santo. Portanto, devemos mostrar reverência a Deus. O próprio Ezequiel caiu com o rosto em terra, mesmo depois de todo o seu treinamento teológico! Seu novo conhecimento de Deus não o fez ficar mais solto e descontraído diante do Senhor. Ele ficou cheio de encanto e assombro diante daquela visão de Deus, assim como Jó ficou quando teve a visão de Deus.

Deus onipotente e onisciente

Vemos aqui, também, que Deus é todo-poderoso e todo-sábio. Talvez você tenha notado que os aros das rodas estão cobertos de olhos (1.18). E as quatro faces olham em todas as direções (1.6,10,17). Essas coisas mostram a onisciência de Deus – ele vê todos os lugares ao mesmo tempo. Não há nada que ele não perceba. Ele é onisciente. E o fato de Deus poder estar nesta carruagem que se move em todas as direções mostra que ele é onipotente. Ele pode estar em qualquer lugar. Ezequiel podia confiar nesse Deus todo-poderoso e todo-sábio!

Deus não é limitado pelas circunstâncias

Entretanto, o mais importante para Ezequiel era ele estar vendo Deus. Afinal, ele não estava em Jerusalém ou no templo. Estava no exílio quando teve uma visão do Deus Todo-Poderoso! Deus não está limitado a Jerusalém. A visão assegurou a Ezequiel que Deus estaria com seu povo onde quer que estivessem, mesmo espalhados. Na verdade, Deus não está limitado a lugar nenhum. Ele se preocupa com o mundo inteiro, como nos lembra o arco-íris do versículo 28, o símbolo que serve para recordarmos a aliança de Deus com Noé para o mundo inteiro.

Deus toma a iniciativa

Notem também que Deus é quem toma a iniciativa. É ele que vem até nós. Veja novamente o v. 1: "os céus se abriram". Ele escolheu descer. Ezequiel não abriu os céus e foi até ele. Então, v. 3: "a palavra do Senhor veio". E o v. 4: "Olhei, e eis que do Norte vinha um vento tempestuoso". Então, no v. 25: "Veio uma voz". E finalmente o v. 28: "ouvi a voz de quem falava".

Como Moisés e a sarça ardente, como Isaías no templo, como Paulo na estrada para Damasco, assim foi com Ezequiel. Nenhum desses homens estava procurando a Deus ou teve a iniciativa de falar com ele. Deus toma a iniciativa. Ele vem até nós.

Deus se comunica

E este Deus se comunica. Você notou que a visão de Ezequiel culmina em uma voz? Em palavras? Se fôssemos nós que estivéssemos representando essa visão num palco, não faríamos isso. Hoje em dia, iríamos querer um espetáculo – um espetáculo para os olhos. Mas aqui, a visão de Deus não culmina em algo para os olhos, e sim em uma palavra para os ouvidos – "ouvi a voz de quem falava" (1.28).

É por isso que a Palavra de Deus ocupa um lugar central nas reuniões da nossa igreja. Tiramos um bom tempo para ouvir a Palavra de Deus porque ele fala conosco por meio de sua Palavra. Deus está comprometido em falar ao seu povo, conhecê-lo e fazê-lo conhecer a ele. E assim foi com Ezequiel.

[Dúvidas?]

UMA VISÃO DA PARTIDA DE DEUS

A segunda grande visão neste livro é um *flashback*. É uma visão da partida de Deus do templo de Jerusalém. E essa visão nos lembra o quão longe estamos do paraíso. O verdadeiro paraíso não será encontrado nesta terra.

Certamente, os companheiros exilados de Ezequiel na Babilônia sabiam disso. Eles sabiam que a Babilônia não era o paraíso. No entanto, a visão de Ezequiel mostrou-lhes que Jerusalém também não era! Eles lutaram intensamente para proteger Jerusalém, pensando que se agarrar a Jerusalém era se agarrar a Deus. Mas isso não era verdade. Então Ezequiel recebeu outra visão ou série de visões, na qual ele viu o pecado de Israel e a desocupação de Jerusalém promovida por Deus. Deus entregou seu povo aos cuidados dos deuses que eles realmente amavam.

Os capítulos 6 a 24 são profecias contra Israel por causa de seu pecado. Deus quer que o povo saiba exatamente por que ele os abandonou. As profecias contra Israel começam nos capítulos 6 e 7, e o Senhor promete: "Desviarei deles o rosto" (7.22), assim como ele prometeu por meio de Jeremias: "Eu lhes mostrarei as costas e não o rosto" (Jr 18.17). Mas o cerne da queixa de Deus contra seu povo é mostrado a Ezequiel nos capítulos 8 a 11. Começando nos capítulos 8 e 9, Deus lhe dá uma visão muito específica da idolatria sendo praticada dentro do próprio templo. Nos capítulos 10 e 11, a visão continua, porém agora Ezequiel vê Deus se afastando do templo e seus arredores, assim como o povo havia se afastado da adoração a Deus. A visão termina no capítulo 11 quando o Senhor sai da cidade. Aqui está uma parte desta visão:

> …aconteceu que ali a mão do Senhor Deus caiu sobre mim. Olhei, e eis uma figura como de um homem. Do que parecia ser a sua cintura e daí para baixo era fogo e, da cintura para cima, como o resplendor de metal brilhante. Ele estendeu algo em forma de mão e me pegou pelos cachos dos meus cabelos. O Espírito me levantou entre a terra e o céu e me levou a Jerusalém em visões de Deus, até a entrada do portão do pátio de dentro, que dá para o norte, onde estava colocada a imagem dos ciúmes, que provoca o ciúme de Deus. (8.1-3).

> Ele me disse: — Entre e veja as terríveis abominações que eles fazem aqui. Entrei e olhei. Eis que na parede em todo o redor estavam gravadas figuras de animais que rastejam e de animais impuros e de todos os ídolos da casa de Israel. (8.9-10).
>
> Então os querubins elevaram as suas asas, e as rodas os acompanhavam; e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles. A glória do Senhor subiu do meio da cidade e se pôs sobre o monte que está a leste da cidade. Depois, o Espírito me levantou e me levou à Caldeia, para junto dos exilados, numa visão pelo Espírito de Deus. E a visão que eu havia tido se afastou de mim. (11.22-24).

O povo havia causado essa separação não natural, esse divórcio, entre eles e Deus, ao irem atrás de outros deuses! Nos capítulos 16, 20 e 23, o Senhor usa uma linguagem mais gráfica para acusar Jerusalém de hedionda infidelidade. Ele diz a eles:

> Mas você confiou em sua beleza, e a sua fama fez com que você se prostituísse; e você se ofereceu a todos os que passavam, para ser deles. Você pegou algumas de suas roupas e fez para si lugares altos enfeitados de diversas cores, nos quais você se prostituiu. Nunca antes havia acontecido algo assim, e jamais voltará a acontecer. Você pegou as suas belas joias, feitas com o ouro e a prata que eu lhe tinha dado, e fez para si imagens de homens, com as quais você se prostituiu. Você pegou os seus vestidos bordados e com eles cobriu as imagens; o meu óleo e o meu perfume você pôs diante delas. A comida que eu lhe dei — a melhor farinha, o óleo e o mel, com que eu a sustentava — você também pôs diante delas em aroma agradável; e assim se fez, diz o Senhor Deus. (16.15-19).

Muitos anos antes dos dias de Ezequiel, Deus havia advertido seu povo por meio de Moisés que os enviaria para o exílio se fossem infiéis a ele. Em um dos discursos finais de Moisés ao povo de Israel, antes deles entrarem na Terra Prometida, ele profetizou o seguinte: “Assim como o Senhor tinha prazer em fazer bem a vocês e torná-los mais numerosos, assim também o Senhor terá prazer em destruir e fazê-los perecer; vocês serão desarraigados da terra em que estão entrando para dela tomar posse. O Senhor os espalhará entre todos os povos, de uma até a outra extremidade da terra. Ali vocês servirão outros deuses, deuses de madeira e de pedra, que nem vocês nem os seus pais conheceram.” (Dt 28.63-64).

Como eu disse, o povo de Deus causou essa separação não natural, esse divórcio. E agora eles pagariam o preço. Depois de todas as acusações pungentes contra a infidelidade de Israel que vimos, lemos no início do capítulo 24.2: “Filho do homem, anote o dia de hoje, sim, o dia de hoje, porque o rei da Babilônia começa o cerco de Jerusalém neste dia”. No cerco, Jerusalém começou a sofrer as consequências do desamparo de Deus.

Nos capítulos 25 a 32 e no capítulo 35, o foco da atenção de Ezequiel muda dos israelitas para as outras nações. Como aprendemos nos capítulos finais de Jeremias em nossa última aula, aprendemos aqui que a justiça de Deus não se limita ao seu povo. As nações que pareciam vitoriosas, tanto para si mesmas quanto para os israelitas exilados, estavam em apuros com Deus. Deus as julgaria também. O povo de Deus podia ter certeza de que somente Deus era soberano sobre todas as nações.

Então, nos capítulos 33 e 34, Deus repreende seu próprio povo mais uma vez por duas razões. Primeiro, ele diz, os líderes eram corruptos e só cuidavam de si mesmos (34.2). Segundo, o próprio povo ignorava a Palavra do Senhor:

> — Quanto a você, filho do homem, os filhos do seu povo falam de você junto às paredes e nas portas das casas, dizendo um ao outro, cada um ao seu irmão: "Venham, vamos ouvir a palavra que procede do SENHOR." Eles vêm até você, como o povo costuma vir, assentam-se diante de você como meu povo e ouvem as suas palavras, mas não as põem em prática. Com a boca, professam muito amor, mas o coração deles só ambiciona lucro. Para eles você não passa de alguém que canta canções de amor, tem uma bela voz e é um bom músico, porque ouvem as suas palavras, mas não as põem em prática. (33.30-32).

O povo sentava, ouvia e desfrutava da Palavra de Deus e, depois… a ignorava! Eles iam em todos os movimentos de adoração a Deus, mas seus corações eram dedicados aos ídolos. Em suma, o povo de Israel era tentado a confiar na riqueza de sua terra. Eles eram tentados a confiar na estabilidade política da linhagem davídica e até mesmo no próprio templo, o tempo todo ignorando a Palavra de Deus. Porém, nenhuma dessas coisas salvaria o povo de Deus.

UMA VISÃO DA VINDA DE DEUS E A PROMESSA DO PARAÍSO

A última seção da profecia de Ezequiel contém várias outras visões famosas de esperança. No capítulo 36, por exemplo, lemos sobre a notável promessa de Deus de reunir seu povo das nações, purificá-los de suas impurezas e ídolos, substituir seus corações de pedra por corações de carne e conceder-lhes seu Espírito que os moveria a seguir os seus caminhos e a guardar seus mandamentos (36.24-28). No capítulo 37, vemos como isso será feito na impressionante visão de Ezequiel do vale dos ossos secos. Ezequiel prega a Palavra de Deus, e os ossos ganham vida!

A última grande série de visões do livro ocorre nos capítulos 40 a 48, na qual Deus mostra a Ezequiel um novo templo. O primeiro templo havia sido destruído na invasão babilônica após a partida de Deus.

Algumas pessoas podem considerar esta visão final de um novo templo como um adendo chato que só confunde nossas mentes. Será que essa parte era só um conjunto de rabiscos arquitetônicos de um sacerdote desempregado na Babilônia sem nada melhor para fazer?

Claro que não! Pelo contrário, Deus diz a Ezequiel: "…Filho do homem, veja com os próprios olhos, ouça com os próprios ouvidos e preste atenção em tudo o que eu lhe mostrar, porque para isso você foi trazido aqui. Anuncie à casa de Israel tudo o que você está vendo." (40.4). Este é o clímax de todo o livro. Muito provavelmente, os ouvintes de Ezequiel ficaram encantados com essa visão. Acima de tudo, a promessa de Deus de estar com seu povo deve ter garantido a atenção de sua audiência, deixando-a arrebatada.

É disso que trata a visão, no capítulo 43, de Deus retornando a um templo reconstruído. Assim como Ezequiel viu a glória do Senhor partir do templo e da cidade nos capítulos 10 e 11, agora ele assiste Deus retornar ao seu templo:

> Então o homem me levou ao portão, ao portão que dá para o leste. E eis que, do lado leste, vinha a glória do Deus de Israel. A sua voz era como o som de muitas águas, e a terra resplandeceu por causa da sua glória. O aspecto da visão era como o da visão que eu tive quando vim

> destruir a cidade e como as visões que tive junto ao rio Quebar. Então caí com o rosto em terra. A glória do Senhor entrou no templo pelo portão que dá para o leste. O Espírito me levantou e me levou ao átrio interior, e eis que a glória do Senhor enchia o templo. (43.1-5).

Ezequiel profetizou que os exilados retornariam à terra, e aqui ele promete que o templo destruído seria reconstruído e enchido novamente com a presença de Deus. Deus mais uma vez estaria com seu povo. Da presença e governo renovados de Deus, inúmeras bênçãos fluiriam, assim como um rio fluiria do novo templo (cap. 47).

O propósito desta visão do templo era destacar o relacionamento restaurado de Deus com seu povo. Portanto, o versículo final do livro é uma atribuição apropriada: "E o nome da cidade desde aquele dia será: ***'O Senhor Está Ali'***." (48.35b). O livro nos deixa com a imagem de Deus para sempre com seu povo. Ezequiel é, em certo sentido, o Apocalipse do Velho Testamento, especialmente devido às visões finais de Deus em Apocalipse, do juízo de Deus e da cidade celestial.

No livro de Esdras, aprendemos que os exilados retornaram à Terra Prometida e reconstruíram o templo, mas não temos registro da glória do Senhor enchendo o templo como aconteceu na inauguração do primeiro templo por Salomão. Entretanto, séculos depois, o próprio Emanuel entraria no recinto do templo em Jerusalém. E, nessa visão final da cidade celestial no livro do Apocalipse, a comunhão com Deus se tornará ainda mais íntima. O povo de Deus celebrará não apenas em sua presença, por mais maravilhoso que isso já seja, mas à plena vista dele, morando com ele para sempre!

Como Apocalipse, Ezequiel termina com a gloriosa esperança do paraíso. A cada tribo é prometida uma porção de uma terra renovada, e uma terra que parece apontar para mais do que a terra para a qual Esdras e Neemias voltaram. Uma terra pela qual ainda ansiamos.

Para nossos propósitos aqui, duas questões ainda precisam ser respondidas. Primeiro, *por que* Deus ofereceria essa esperança renovada para seu povo infiel? Acima de tudo, Deus promete transformar seu povo e restaurá-lo para ele próprio por causa de seu próprio nome.

> Portanto, diga à casa de Israel: Assim diz o Senhor Deus: 'Não é por causa de vocês que eu faço isto, ó casa de Israel, mas *pelo meu santo nome*, que vocês profanaram entre as nações para onde foram. Revelarei *a santidade do meu grande nome*, que foi profanado entre as nações, o qual vocês profanaram no meio delas. As nações saberão que *eu sou o SENHOR*, diz o Senhor Deus, quando eu manifestar a *minha santidade* diante delas por meio de vocês. (36.22-23 – ênfases acrescidas).

Segundo, *como* Deus restaurará os pecadores para si mesmo? Afinal, ele é Santo. Como ele pode desconsiderar todo o pecado hediondo e trazer os pecadores à sua presença? Ezequiel lança apenas uma vaga luz à resposta dessa pergunta, contudo, vemos que o Senhor não vai simplesmente desconsiderar esse pecado, Deus vai lidar com ele. Repetidamente, Deus chama Ezequiel de "filho do homem". E este "filho do homem" simboliza o pecado do povo que ele carregava em seu corpo quando se deitava de lado (4.4,5,6). No capítulo 16, Deus promete um tempo "quando eu houver perdoado" o Israel infiel (16.63).

Deus também promete que chegaria o dia em que ele julgaria os pastores inúteis do povo e acrescenta: "Porei sobre elas [suas ovelhas] um só pastor, e ele as apascentará: o meu servo Davi. Ele as apascentará e será o seu pastor. Eu, o SENHOR, serei o seu Deus, e o meu servo Davi será príncipe no meio delas. Eu, o SENHOR, falei." (34.23-24). Naquele dia, ele também concederá ao seu povo uma "aliança de paz" (34.25). Quem seria esse pastor vindouro? Para quem esse filho do homem aponta? Ninguém menos que Jesus Cristo, que se chamou de filho do homem e deu a vida por suas

ovelhas (João 10.15). Ao dar sua vida na cruz, ele pagou pelos pecados de todos aqueles que se arrependeriam e creriam um dia. Ele trouxe a paz para os rebeldes prontos para depor as armas deles. Ele trouxe perdão para os pecadores que queriam acabar com o pecado e sabiam que não podiam fazer nada para obterem o perdão para si mesmos. Somente por meio de Cristo podemos ser reconciliados com o Pai.

Então, esse foi o nosso *tour* em Ezequiel. Deus estava com seu povo e abriria um caminho para que eles estivessem verdadeiramente com ele no céu. Mas para ver mais desse futuro, visão celestial, teremos de esperar pela próxima semana quando chegarmos a Daniel.

[Dúvidas?]

[Oração Final]